



Albano: País precisa de consumidores

Para CNI, sem o gatilho perda seria ainda maior

HELIVAL RIOS

Há nítidos sinais de recessão na economia, notadamente nos níveis de produção e até de emprego de alguns setores. O comércio já começa a cancelar, perante as indústrias, um grande número de pedidos, e é grande o número de concordatas e de falências. Todo este quadro está agravando-se rapidamente com uma queda acentuada no poder aquisitivo da população e ante uma verdadeira crise de liquidez do sistema financeiro.

Este é o diagnóstico da economia brasileira traçado pelo senador Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Para ele, o quadro atual somente não é pior em função do "gatilho salarial". Com o gatilho, ressalta, os trabalhadores sofreram uma perda de poder de compra nos seus salários de 16% no período de dezembro a abril últimos.

Sem o gatilho, tais perdas teriam sido bem maiores, o que teria refletido muito mais nas vendas do comércio.

Por isso, segundo Albano Franco, é que a CNI mantém uma posição intransigente de defesa do "gatilho salarial", de modo a não ver agravada a perda de poder de compra da classe trabalhadora. "O Brasil — ressalta Albano Franco — precisa de consumidores. E você só tem consumidores se tiver bons salários."

Não há como fugir desta realidade.

Albano Franco diz que a CNI tem recebido queixas de alguns pequenos empresários sobre a manutenção do gatilho. E a todos procura sempre explicar que, sem o gatilho, a crise brasileira seria hoje muito mais grave. O quadro social estaria pior e a recessão mais forte.

Albano Franco diz que o governo tem de agir rapidamente para reverter o quadro atual. No último encontro que manteve com o presidente Sarney, ele pediu a criação de mecanismos especiais para socorrer financeiramente as pequenas e médias empresas. Em seguida, levou ao pre-

sidente do Banco Central, Fernando Milliet, proposta de criação de uma linha especial de crédito com os recursos do depósito compulsório dos bancos comerciais. Esta linha de crédito especial cobraria juros menores, e correção monetária limitada em 60% da variação das LBC (Letras do Banco Central). O presidente Sarney prometeu uma solução para a próxima semana.

AUSTERIDADE

O presidente da CNI diz que os empresários estão dispostos a dar um voto de confiança ao ministro Bresser Pereira, da Fazenda. Ele destaca que o ministro o tem impressionado pela honestidade de propósito e pela franqueza. Mas discorda de alguns pontos da estratégia anunciada por Bresser, como o de elevar os impostos. "Não é possível que tudo isso venha a recair sobre a sociedade brasileira. Acho que tem de haver uma redistribuição de sacrifícios e que o governo tem de fazer sua austeridade fiscal, controlando seus gastos, e fazer um acerto nas suas contas externas." Albano Franco não é contra, entretanto a adoção de uma política de preços realista para as tarifas do setor público, de modo a garantir sua capitalização.

Os perigos de uma recessão somente serão superados, no entendimento do presidente da CNI, com a retomada dos investimentos, o que somente não ocorreu até agora pela falta de uma política econômica clara e pela explosão inflacionária. Acha, porém que tão logo o governo apresente à sociedade um programa de estabilização econômica, as coisas começam a mudar. Ele concorda que a maioria dos empresários nacionais e estrangeiros deixou de investir à espera da definição de um plano por parte do governo, da estabilização das taxas de inflação, de um acordo da dívida externa e do final dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte. Quando forem obtidos estes quatro pontos, os investimentos nacionais e estrangeiros voltarão a aparecer.

Brasília / Agência Estado